

A LEITURA SEGUNDO PROUST

Clarice Fortkamp Caldin

Resumo: Por meio de extratos literários da obra proustiana, em especial seu ensaio *Sobre a leitura* e *A la recherche du temps perdu*, pretende-se apontar a leitura como um ato temporal, corporal, descentrado e terapêutico.

Palavras-chaves: Leitura – ato temporal; Leitura – ato corporal; Leitura – ato descentrado; Leitura – ato terapêutico.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, que se configura como um ensaio, é destacado o que pensava Marcel Proust (literato parisiense que nasceu em 1871 e morreu em 1922) a respeito da leitura. Em 1905, escreveu o prefácio para a tradução de um livro. Tal prefácio foi um elogio tão grande à leitura, que foi transformado em livro: *Sobre a leitura*. O conteúdo deste explora com tanta profundidade a importância de incentivar a leitura na infância que merece uma investigação. Além disso, a obra proustiana, em especial “*A la recherche du temps perdu*¹” tem sido objeto de estudos: seja pela poesia, da qual se acha impregnada; seja pela fecundidade das emoções, da qual se encontra permeada; seja pelo efeito que causa nos leitores, pela descrição de suas reminiscências que transcendem tanto o tempo quanto o Autor.

Como metodologia, optou-se por apresentar trechos selecionados de “*No caminho de Swann*” (primeiro volume da *Recherche*, publicado em 1913) e “*Sobre a leitura*”, no intuito de mostrar que o ato de ler, mesmo o solitário, implica temporalidade, corporeidade, descentramento, e se configura como uma terapia.

¹ Título em Português: *Em busca do tempo perdido*.

2 A LEITURA SEGUNDO PROUST

A temporalidade proustiana circula pelos meandros da memória e recria um outro tempo: o tempo da leitura, o tempo do agora, o tempo presente, estético e poético (conquanto amalgamado com o passado vívido e marcante), que se quer desvendado no ato de ler, e, por esse motivo, tem sido exaustivamente analisada.

Proust, nas lembranças, passeia pelo tempo, principalmente em “*A la recherche du temps perdu*” – considerada por Benjamin (1994, p. 36) “a maior realização literária das últimas décadas.” A respeito do tempo em Proust, Benjamin (1994, p. 45) o chama de “tempo entrecruzado”, visto que o fluxo do tempo “se manifesta com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente)” e o mundo proustiano se configura como “o universo dos entrecruzamentos.” Nesse mundo, então, se cruzam o passado e o presente, pois o tempo em Proust não é o tempo universal, mas sim o pessoal, o de suas memórias, rastros do vivenciado e observado na sociedade da Terceira República francesa ².

Segundo Caldas (2001, p. 2), “a Madeleine proustiana é a passagem, o caminho entre o consciente e o inconsciente”, ou seja, “é a coisa exterior que faz ligação entre o percebido presente e aquele percebido esquecido por vivências mais fortes e presentes.” Isso pode ser observado em Proust (1982, p. 31, 32):

[...] levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim.

² A Terceira República (1870-1940) foi criada após a captura e o exílio de Napoleão III e a derrota francesa na guerra franco-prussiana.

Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. [...] Por certo, o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visível que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. [...] Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray [...] minha tia Leôncia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília [...]

A leitura da *Recherche* faz pensar em Proust, no tempo de Proust: o de suas lembranças da infância em Combray; mas a leitura da *Recherche* desperta em cada um seu próprio tempo, suas próprias reminiscências, seu próprio Combray. Por isso, tal obra transcende o tempo. Por isso, sua leitura permite esquecer as contingências e ultrapassar as mediocridades da vida.

De acordo com Freire (2001, p. 8), a *Recherche* configura-se como uma obra “atemporal”, pois “transcende o tempo (cronológico) e não envelhece.” Ao estabelecer um confronto entre as leituras de Benjamin, Adorno e Deleuze acerca da *Recherche*, Freire (1999) concluiu que o tempo em Benjamin e Adorno seria o da memória, das imagens e dos fatos, e, em Deleuze, o de signos com os quais Proust brindou seu processo criativo valendo-se de sua subjetividade.

Por outro lado, Beckett (2003, p. 13) descreve o tempo proustiano como algoz de suas personagens em que as mesmas sofrem um processo de decantação do “recipiente contendo o fluido do tempo futuro, indolente, pálido e monocromático, para o recipiente contendo o fluido do tempo passado, agitado e multicolorido pelo fenômeno de suas horas”.

Desta feita, os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos proustianos alternam-se entre as lembranças e as expectativas, em uma mobilidade mesclada de ansiedades, hábitos e memórias, em que o tempo se configura como “uma condição de ressurreição, porque um instrumento de morte”; o hábito, “um castigo, na medida em que impede a exaltação perigosa da primeira e

uma benção, na medida que ameniza a crueldade da segunda”; e a memória, “um laboratório clínico com estoques de veneno e medicamento, de estimulante e sedativo.” (BECKETT, 2003, p. 35). Como visto, Benjamim (1994) destacou a rememoração em Proust, o que transformaria os treze volumes da *Recherche* em autobiografia. Por outro lado, Caldas (2001) considerou o romance proustiano como um ensaio à memória e ao tempo. Já Freire (2001) viu apenas a temporalidade proustiana na *Recherche*. A seu turno, Beckett (2003) confinou a obra de Proust no tripé: tempo, hábito e memória.

É notório que o tempo proustiano passeia pelo texto – seja em imagens, seja em fatos, seja em signos. A imagem literária, a narração dos fatos, os signos que descortinam as semelhanças e as correspondências não ficam congelados por um tempo estático. Observa-se que é no dinamismo da verbosidade proustiana que o tempo age como o vento farfalhando as folhas da memória e ativa as emoções fazendo-as borbulhar como se as mesmas saíssem de uma chávena de chá quente e fumegante. E, mesmo que o tempo *em* Proust seja o tempo *de* Proust, pela leitura da *Recherche* nós nos apossamos dele, nós nos movimentamos por entre as páginas, nós seguimos o rastro fantasmagórico de suas personagens que permanecem retidas nas lembranças, vestígios das reminiscências de um passado que se quer presente.

Muito embora o tempo seja a marca registrada da *Recherche*, pode-se apontar, nessa obra, a corporeidade da leitura, pois nela encontram-se trechos que mostram a leitura como corpo e como gesto. Ao narrar os carinhos roubados à mãe, Proust (1982, p. 29, grifo do autor) detalha: “minha mãe sentou-se junto a meu leito: tomara *François le Champi*, cuja capa avermelhada e incompreensível título lhe emprestavam, para mim, uma personalidade distinta e um misterioso atrativo.” Descreve a leitura em voz alta da mãe como um gesto de carinho:

[...] dava toda a ternura natural, toda a ampla doçura que exigiam, àquelas frases que pareciam escritas para a sua voz e que, por assim dizer, cabiam inteiras no registro de sua sensibilidade. Para atacá-las no devido tom, sabia encontrar o acento cordial que lhes preexiste e que as ditou, mas que as palavras não indicam: graças a ele, amortecia de passagem toda rudeza nos tempos dos verbos, dava ao imperfeito e ao pretérito perfeito a doçura que há na bondade, a melancolia que há na ternura, encaminhava a frase que ia findando para aquela que ia começar, ora acelerando, ora retardando a marcha das sílabas para fazê-las entrar, embora diferissem de quantidade, num ritmo uniforme e insuflava àquela prosa tão comum uma espécie de vida sentimental e contínua. (PROUST, 1982, p. 30).

Nessa passagem, fica evidente que a palavra tem um sentido e que as protensões se presentificam no ato da leitura. Mas fica evidente, também, a corporeidade da leitura, manifestada pela fala que acentua ou suaviza trechos em que o tom da voz indica a afetividade implícita na intercorporeidade, transformando o ato de ler em gesto corporal.

Da mesma forma, em *Sobre a Leitura*, Proust menciona que quando embevecidos na leitura de um livro preferido, desprezamos “a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar” e, ainda, “instalava-me numa cadeira ao pé do fogo de lenha” e mostrava a preocupação da cozinheira ao perguntar ao menino Proust: “você não está bem assim: não é melhor apoiar-se numa mesa?” (PROUST, 1991, p. 9, 10,11).

Tais fragmentos literários indicam a necessidade da presença de um corpo físico na leitura que se incomoda com insetos ou com o calor do sol e, também, que gosta do conforto de uma cadeira e que, talvez, precise apoiar o livro pesado em uma mesa.

Foi apresentada a corporeidade da leitura em Proust, não apenas na *Recherche*, mas, também, em seu ensaio *Sobre a Leitura*.

Pretende-se, agora, apresentar Proust defendendo a leitura terapêutica. É fato que a leitura, para Proust, sempre se configurou como ato intelectual e psicológico e o literato priorizou a leitura solitária. Mas é possível observar, também, que ele concedeu propriedades medicinais à leitura individual. E mais: Proust permite-nos pensar algo que ele não pensou: o descentramento no ato de ler.

Conquanto Proust destaque a importância da leitura, não concorda com Descartes, que a tem como “uma conversação com as pessoas mais honestas dos séculos passados e que foram seus autores”, nem com Ruskin que considera a leitura “uma conversação com homens muito mais sábios e mais interessantes que aqueles que podemos ter a chance de conhecer à nossa volta”; ele explicita: “a leitura não poderia ser assimilada a uma conversação, mesmo com o mais sábio dos homens” porque existe uma diferença marcante entre um livro e um amigo, pois na leitura recebemos “a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente.” (PROUST, 1991, p. 26, 27).

Sabe-se que Proust prezava a solidão. Por isso sua insistência em não considerar a leitura como *conversação* – ele amava ler e detestava ser interrompido seja para conversas tolas, seja para o almoço ou o jantar. *Conversação*, para Proust, era o mesmo que *interrupção à sua leitura* – e, portanto, algo altamente desagradável.

Ao contrário da conversação, a leitura permitiria o encontro com o outro sem incorrer na perda da privacidade e com a regalia adicional de manter a espontaneidade, pois segundo Proust (1991, p. 42-43), existe uma grande vantagem no convívio com o outro enquanto personagem ficcional, uma vez que, “com os livros, não há amabilidade”, pois “esses amigos, se passamos a noite com eles, será porque realmente temos vontade de fazê-lo” e não há “nenhuma deferência tampouco; não rimos de que diz Molière a não ser na

medida exata em que o achamos engraçado; quando nos entedia, não temos medo de parecer entediados”.

A leitura solitária, então, do ponto de vista proustiano, nos deixa confortáveis: a amizade com os livros prescinde de tato e nos livra da necessidade imperiosa de agradar o outro. Muito embora Proust sempre veja a leitura como um ato solitário, advogou seu efeito benéfico, e esse é o ponto que será exposto a seguir.

Cumprir lembrar que Proust (1991) considerou a leitura um estímulo benéfico à atividade criadora, posto que a mesma não é passividade e sim a busca de algo que poderia tornar o leitor mais forte, haja vista que, como ser humano, é suscetível ao desânimo. Não obstante tenha apontado a leitura como uma disciplina terapêutica, seu direcionamento é para inserir o indivíduo na vida espiritual:

há, contudo, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual para os quais a leitura pode tornar-se uma espécie de *disciplina curativa* e se encarregar, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então um papel análogo ao dos psicoterapeutas para certos neurastênicos. (PROUST, 1991, p. 33, grifo meu).

Nessa passagem, Proust aponta certas afecções do sistema nervoso, em que o doente, mesmo sem ter os órgãos afetados, sente-se impotente para reagir, necessitando da ajuda do outro, posto que se sente tomado por uma profunda depressão que o impede de fazer frente aos problemas e de agir para solucioná-los. Como não encontra estímulo em si mesmo, é mister que o estímulo venha do outro. Portanto, afirma:

ora, existem certos espíritos que poderiam ser comparados a esses doentes e que uma espécie de preguiça ou de frivolidade impedem de descer

espontaneamente às regiões mais profundas de si mesmos onde começa a verdadeira vida do espírito. [...] Ora, este estímulo que o espírito preguiçoso não pode encontrar em si próprio e que deve vir se outrem, é claro que deve recebê-lo no seio da solidão fora da qual, como vimos, não se pode produzir esta atividade criativa que é preciso ressuscitar. Da pura solidão o espírito preguiçoso não pode tirar nada, pois é incapaz de, sozinho, pôr em movimento sua atividade criativa. Mas a mais elevada conversação, os conselhos mais profundos também de nada serviriam, já que essa atividade original, eles não a podem produzir diretamente. O que é preciso, portanto, é uma intervenção que, vinda de um outro, se produza no fundo de nós mesmos, é o estímulo de um outro espírito, mas recebido no seio da solidão. [...] A única disciplina que pode exercer uma influência favorável sobre estes espíritos é, portanto, a leitura. [...] Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é *salutar*. (PROUST, 1991, p.33, 34, 35, grifo meu).

Nesse sentido, o agente interveniente na saúde do leitor é o autor do texto literário que estimulou o espírito preguiçoso do primeiro, levando-o a criar e, assim, a se curar. De toda maneira, a leitura, mesmo a solitária e principalmente a terapêutica, implicaria na presença de um outro.

Isso pode ser deduzido da afirmativa de Proust (1991, p. 28) sobre a leitura ser um “milagre profundo de uma comunicação no seio da solidão.” Ora, se é comunicação, exige um outro. Se me comunico com o outro, me descentro – e esse é o ponto que se pretende apresentar agora.

Eis uma passagem que mostra o envolvimento, o desdobramento, o descentramento do leitor nas personagens:

e aí? Esse livro não era senão isso? Esses seres a quem se deu mais atenção e ternura que às pessoas da vida, nem sempre ousando dizer o quanto a gente os amava, mesmo quando nossos pais nos encontravam lendo e pareciam sorrir de nossa emoção, e fechávamos o livro com uma indiferença afetada e um tédio fingido. Essas pessoas por quem se tinha suspirado e soluçado, não as veríamos jamais, jamais saberíamos alguma coisa delas.(PROUST, 1991, p. 23).

Proust reconhece o sofrimento e a decepção do leitor ao fechar o livro. Por quê? Justamente porque as personagens saíram do centro da atenção e, por esse motivo, o leitor tem a árdua tarefa de voltar a atenção para si, para a mesquinhez da vida, para o prosaico e o trivial; tanto ele não se conforma com essa situação que prossegue:

queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado. (PROUST, 1991, p. 24).

Portanto, chegava a implorar por uma migalha que fosse de informação sobre as personagens. Mais que a narrativa sobre elas, interessava o afeto partilhado. Disso se infere: só amamos quando nos descentramos. E, ao descentrarmos, permitimos que o outro nos ame. Assim é na vida e assim é na ficção. Só há envolvimento verdadeiro com o descentramento.

Proust preferia o descentramento no seio da solidão. Por ser um intelectual, gostava de refletir, ou, nas suas palavras, “permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo.” (PROUST, 1991, p. 27).

Isso significa que mesmo permitindo temporariamente que o outro ocupasse o centro dos seus pensamentos, ele fazia questão, também, de ocupar o centro quando lhe era conveniente, ou, então,

necessário. Podemos culpá-lo? Não fazemos nós o mesmo? Não chega um momento em que cansamos do outro? Não chega um instante que queremos ser o centro? Depois, passada a fase da insegurança pessoal, retornamos ao outro. Até que nos cansemos novamente. Felizmente o outro está sempre ali, à nossa espera. Se não dispomos de um outro com um corpo físico, sempre podemos contar com um outro instalado no corpo do texto literário.

Segundo Proust (1991, p. 36, grifo do autor), busca-se a verdade e intenta-se encontrá-la no livro: “que felicidade, que repouso para um espírito fatigado de procurar a verdade em si mesmo e dizer-se que ela está situada fora dele, nas folhas de um *in-folio*”.

Como apurado, o leitor busca a verdade fora de si, fora do seu centro. Isso é cômodo, pois delega a responsabilidade ao outro – seja esse outro o texto, o autor, ou as personagens. Mas o escritor faz o mesmo, visto que “também os maiores escritores, nas horas em que não estão em comunicação direta com o pensamento, contentam-se com a sociedade dos livros.” (PROUST, 1991, p. 39).

Então, pode-se dizer que o escritor também preza ser leitor, que a experiência estética da leitura se configura como uma necessidade do espírito, que a experiência da leitura faz parte de nossos anseios e nossas expectativas, que ela não apenas nos acalenta, como também nos revigora; é, portanto, terapêutica.

3 CONCLUSÃO

Proust (1991) considera a leitura ato psicológico, exercício individual, amizade, distração, gosto, divertimento, viagem, disciplina curativa, estímulo, iniciadora da vida do espírito, enfim, uma alavanca poderosa para despertar o imaginário, solidificar pensamentos, suprimir a fadiga.

Além disso, destaca o efeito estético que a experiência da leitura produz no leitor ao dizer que “sentimos muito bem que nossa

sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos”; esses desejos que o autor desperta no leitor somente são possíveis porque o texto literário é uma obra de arte e, como tal, inspira “incitações”, pois, “é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer que fazem nascer em nós o sentimento de que ainda nada nos disseram.” (PROUST, 1991, p. 30-31).

A leitura individual, então, pode ser aproveitada no recôndito das bibliotecas, no sofá da sala sob a luz generosa de um abajur, ou, ainda, com o apoio de travesseiros no leito, usufruindo o conforto da solidão física que apazigua nosso corpo sofrido. Ora, quantas vezes não buscamos na leitura solitária conforto para as angústias? Não nos sentimos aliviados e revigorados depois de tal exercício? Isso acontece porque não estamos, de fato, sozinhos: a presença marcante, porém discreta do outro – a personagem ficcional – garante que desfrutamos de companhia, que saímos de nosso centro e invadimos o espaço do outro. É essa intercorporeidade, esse descentramento que permitem que a leitura, mesmo a solitária, seja terapêutica.

REFERÊNCIAS

BECKETT, Samuel. *Proust*. Tradução de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 235-243. (Obras escolhidas, v.21).

CALDAS, Alberto Lins. Proust em dois tempos: as miragens do texto. *Lathé Biossa*, Porto Velho, ano 1, n. 64, p. 1-6, 2001. Disponível em: < <http://www.unir.br/~primerira/artigo64.html>>. Acesso em: 07 set. 2009.

FREIRE, José Célio. Criar para o tempo, tempo para o criar, para criar o tempo: uma revisitação da (ex) temporalidade na *Recherche* proustiana. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 6, n. 1, p. 1-12, jan./dez. 2001.

FREIRE, José Célio. Uma leitura através da *Recherche* de Proust. *Revista de Letras*, v. ½, n. 21, p. 1-9, jan./dez/ 1999.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mario Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

THE READING THROUGH THE PROUST'S POINT OF VIEW

Abstract: *Throught the literary extracts of Proust's opus, specially Proust's written piece About the reading and A la recherche du temps perdu, pretend it to point the reading as a temporal action, body action, decentralized action and therapeutic action.*

Keywords: *Reading – temporal action; Reading – body action; Reading – descentralised action; Reading – therapeutic action.*

CLARICE FORTKAMP CALDIN

Graduação em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1992)

Especialização em Organização e Administração de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996)

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.16, n.2, p. 392-404, jul./dez., 2011.

Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001)

Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009).

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Professor adjunto I da Universidade Federal de Santa Catarina

Professor colaborador do Mestrado em Ciência da Informação da UFSC, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais de Informação

Coordenadora do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFSC desde 16/2/2010.

E-mail: clarice@cin.ufsc.br

Artigo:

Recebido em: 17/02/2010

Aceito em: 15/09/2011